

TUDO O QUE ERA SÓLIDO DERRETEU: UMA VISÃO DO AMOR A PARTIR DE *HER*¹

João FERNANDES²

Ângela JULITA³

Universidade de Fortaleza, Fortaleza, CE

RESUMO

Por meio deste artigo, procura-se correlacionar, a partir do que é apresentado na obra cinematográfica *Her*, as subjetividades da cultura pós-moderna, principalmente ao que se diz respeito ao relacionamentos amorosos, de modo que esta realidade fictícia com a realidade dos relacionamentos pós-modernos, e suas subjetividades, estejam inseridas num contexto cultural da atualidade.

PALAVRAS-CHAVE: Ficção; Realidade; Relacionamentos Amorosos; Pós-Modernidade; Amor Líquido.

INTRODUÇÃO

Os indivíduos, embora dispostos em sua infinidade de contatos epistêmicos favorecidos pela contemporaneidade, desempenham uma preeminente interação, sobretudo, com os meios de comunicação. O século XX, entre suas inovações, proporcionou à sociedade o advento dos meios eletrônicos, e, com o seu ingresso no cotidiano, transformaram, tanto o indivíduo e seus hábitos, quanto sua forma de manipular as interações e relações. O modo de se socializar foi reescrito.

A comunicação começou a ser intermediada pelos meios eletrônicos, e estes, por sua vez, substituíram o contato pessoal e então transformaram-se em fontes instantâneas e universais de informação.

Entre os inúmeros meios eletrônicos contemporâneos, a internet destaca-se, em vários aspectos do cotidiano, pela instantaneidade, seu fácil acesso e larga escala de informações. A internet, unindo indivíduos distantes sem haver um deslocamento físico, redefiniu as interações pessoais, logo, a epistemologia auferida por meio destas.

Portanto, para que se estabeleça as consequências da rede virtual nos relacionamentos contemporâneos e suas particularidades, é primordial que se compreenda

¹ Trabalho apresentado no IJ 4 – Comunicação Audiovisual do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 07 a 09 de julho de 2016.

² Graduando do Curso de Audiovisual e Novas Mídias pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR), email: joao.luiz.chaves.fernandes@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Audiovisual e Novas Mídias da Universidade de Fortaleza, email: angelajulita@hotmail.com

seu processo de ingressão e difusão na história da humanidade, no século XVIII, com a concepção dos meios de comunicação e seu avanço em meios de comunicação de massa.

O estudo a seguir tem como tema a ficção seriada, compreendida entre novelas, séries, minisséries e demais produções teledramatúrgicas, similares ou aparentadas, com conteúdo predominantemente ficcional. Por meio deste tema, objetiva-se, de modo sistemático, conferir a partir do apresentado na obra cinematográfica, as características da sociedade contemporânea e suas relações pessoais, especialmente no âmbito amoroso, encontrando uma interpretação da realidade.

Tarkovski justifica que é genuíno a busca da produção cinematográfica idealizando a realidade. Para o premiado cineasta russo, inclusive, o cinema, e a arte de uma forma geral, funcionam justamente como uma forma de interpretar e reproduzir uma faceta da realidade. O cineasta ainda sustenta que o cinema é uma alternativa onde o indivíduo está apto a questionar e encontrar a resposta de seus problemas.

De qualquer modo, fica perfeitamente claro o objetivo de toda arte – a menos, por certo, que ela seja dirigida ao “consumidor, como se fosse uma mercadoria – é explicar ao próprio artista, e aos que o cercam, para que vive o homem, e qual é o significado da sua existência. Explicar às pessoas a que se deve sua aparição neste planeta, ou, ao menos propor a questão. (...) A arte é um meio de assimilação do mundo, um instrumento para conhecê-lo ao longo da jornada do homem em direção ao que é chamado “verdade absoluta”. (TARKOVSKI, 1998, p.38-39)

A sociedade contemporânea requer que o indivíduo moderno esteja não são em busca da retratação da realidade, mas constantemente conectado e atualizado com o âmbito virtual. Tendo a internet como o mais expressivo meio virtual contemporâneo, os indivíduos carregam consigo a evolução da interação social e a revolução em sua concepção de valores, redefinindo o seu cotidiano e, essencialmente, suas relações amorosas.

Contemplada como um evento tão solene quanta revolução industrial, a revolução digital estabeleceu a sociabilidade virtual como uma prática característica da pós-modernidade, não apenas por pertencer especificamente a este período, mas por manifestar, autenticar e estabelecer símbolos, indícios e valores de uma modernidade tardia. A dialética entre a sociabilidade virtual, as marcas da pós-modernidade e abordagem desta realidade numa obra cinematográfica é o objeto de reflexão deste trabalho.

O DITO PÓS-MODERNO

Conceituemos, primeiramente, o que entende-se – ou chega-se num consenso – acerca do termo "pós-modernidade". Constituído por acontecimentos antropológicos e sociais, como incertezas, avanços na tecnologia, globalização e, principalmente, a revolução digital, este período é essencialmente definido em decorrer de sua efemeridade e ambivalência. Para Nicolaci da Costa, a revolução digital, juntamente com a revolução industrial no século XVIII, representam processos revolucionários que transformaram estilos de viver, de agir, de ser e até mesmo de pensar, alterando a ideologia da humanidade contemporânea.

Entretanto, esta definição nem sempre é clara e bem definida, sendo sempre alvo de polêmica e debates, inclusive é referida em comum conceito "não cientificamente comprovado". O fato é que, tentar mensurar e rotular a realidade da atualidade, requer um esforço ao moderar um senso de imersão, de modo que seja possível projetá-la sem estar dentro dela ao mesmo tempo. Por esta razão, subsiste uma grande controvérsia sobre o contemporâneo, sobretudo, quanto a considerar suas especificidades como resultado de uma diferenciação de outro período na história.

Para Santaella, pós-modernidade é um termo de significados variados. Existem aqueles que entendem a pós-modernidade como um período da história posterior à modernidade e deposição a ela, outros que a entendem como um prolongamento e superação da modernidade, e existem ainda aqueles que a consideram um simples modismo. Já para Zygmunt Bauman, a racionalidade moderna, na busca pelo único, se deparou com um múltiplo, com o diverso, com a ambivalência.

Bauman, autor de obras guia na composição deste artigo, ressalta que a tangente do pós para o moderno não é bem definida, não significam, exatamente, o fim da modernidade, e tão pouco uma estágio à parte. A pós-modernidade seria a modernidade que atinge a "maioridade". Não ignorando as mudanças sofridas ao longo da modernidade esta "maioridade", Bauman não desconsidera uma ruptura que pudesse originar um outro período histórico a utilizar a expressão "modernidade líquida". Narcisismo, redução dos vínculos afetivos e emocionais, insegurança, efemeridade, prazeres sensoriais intensos e imediatos configuram esta expressão.

Apesar das discrepâncias de nomenclatura, neste projeto, levando em consideração a subjetividade do termo, optamos por definir como pós-modernidade como a modernidade em seu ápice, ocorrendo no contemporâneo, na atualidade. Independente da definição,

nossa época está sendo marcado por transformações políticas, econômicas, culturais e sociais, que, por sua vez, redefinem os relacionamentos humanos.

Bauman, em seu livro alicerce e principal fonte de referência na elaboração deste estudo, *Amor Líquido – Sobre a Fragilidade dos Laços Humanos*, procura investigar o porquê das relações humanas estarem cada vez mais flexíveis e fugazes, elevando os níveis de insegurança dos indivíduos, aspectos já previsto em outra obra, também de sua autoria, *O Mal-Estar da Pós-Modernidade*. Nascidos em volta dos arquétipos de uma cultura extremamente globalizada, os indivíduos tem como raiz comum e elemento necessário para sua manutenção e sobrevivência da globalização, a cultura do consumo exacerbado, do imediatismo, do “parecer” em substituição do “ter” e ao “ser”, das imagens, do espetáculo, do princípio do prazer acima de tudo e da intensificação do individualismo.

A sociedade pós-moderna menosprezo a todos os seus indivíduos, domesticando-os e obrigando-os a adotarem o estilo de vida do consumo.

A vida organizada em torno do consumo, por outro lado, deve se bastar sem normas. Ela é orientada pela sedução, por desejo sempre crescentes e quereres voláteis. Assim sendo, esse ideal consumista, que chega até mesmo a ser definidor da atualidade, não é simplesmente um “complô de sinistros especuladores. Antes de mais nada, ele é um grande movimento cultural, talvez, o maior na história de nossa cultura desde o cristianismo (CALLIGARIS, 1999, p.31)

De modo sucinto, os indivíduos da pós-modernidade, padronizados pelo consumo, adotam o Princípio do Prazer⁴ – dinâmica psíquica conceituada por Freud – aspirando uma felicidade que visa, única e exclusivamente, o próprio bem-estar. As pessoas, dando mais importância racionamentos virtuais, negam o outro e os entraves que podem surgir durante o percurso. O egoísmo, característico dessa geração, promove relacionamentos instantâneos, efêmeros, vazios e que podem ser desmanchados a qualquer momento e muito facilmente.

Esta incapacidade de manejar relacionamentos duradouros, com vínculos reais, não é ocorrência apenas nas relações amorosas e familiares, mas também entre os seres humanos em qualquer âmbito de relação interpessoal. Freud, em *O Mal-Estar na Civilização*, pautou sobre esse novo panorama, ressaltando que “colocar o gozo antes da

⁴ Na psicanálise de Sigmund Freud, o Princípio de Prazer é o desejo de gratificação imediata. Tal desejo conduz o indivíduo a buscar o prazer e evitar a dor. O Princípio de Prazer opõe-se ao Princípio de Realidade, o qual caracteriza-se pelo adiamento da gratificação, o qual faz parte do amadurecimento normal do indivíduo aprender a suportar a dor e adiar a gratificação. Ao fazer isso, o indivíduo passa a reger-se menos pelo princípio de prazer e mais pelo princípio de realidade.

cautela” traria eu si o seu próprio castigo. Bauman possuía também sua própria visão de “colocar o gozo antes da cautela”, reconhecendo que parte desses valores seriam revertidos em individualismo, insensibilidade e desinteresse pela miséria humana, influenciados pelo consumo. O “castigo” configura-se a partir do sofrimento psíquico trazido pela fragilidade dos laços amorosos, pela falta de confiança mútua, pela insegurança e solidão, dividindo a sociedade entre felizes seduzidos e felizes oprimidos.

Não satisfeito em produzir isolamento, o sistema engendra seu desejo. O desejo impossível que, no instante em que é alcançado, revela-se intolerável: o indivíduo quer ser só, sempre e cada vez mais só, ao mesmo tempo em que não suporta a si mesmo estando só. A essa altura o deserto já não tem mais princípio ou fim. (LIPOVETSKY, 1999, p.46)

Este comportamento pós-moderno pode ser identificado através dos impactos da subjetivação no campo dos relacionamentos humanos, majoritariamente, nos relacionamentos amorosos. Regidos pela lógica do consumo, houve uma transformação do estado sólido para o líquido, a vida tornou-se mutante e rápida, assim como tudo que é produzido no mundo pós-moderno. As relações amorosas tendem a ser superficiais e passageiras, com pouca tendência a transformar-se em verdadeiros vínculos.

Os laços, agora efêmeros e de fácil preparo, duram devaneios, se perdem em instantes e se renovam tão rápido quanto. Os indivíduos buscam se encontrar com seus pares mediante um mundo virtual em que podem substituir fracassos, frustrações e até conquistas com a mesma agilidade e velocidade que a internet, num mundo moderno onde a solução dos problemas baseia-se num simples clique e no delete. A substituição de contatos físicos por “interações em nuvens” se intensifica e tudo acontece hoje somente àqueles que estão conectados.

Nesta cultura do tudo descartável, a obsolescência se dá a cada experiência de prazer. Mesmo que não acionamento não tenha esgotado suas possibilidades de realização afetiva, é substituído por outro supostamente mais atraente, como faz o consumidor padrão ao descartar um objeto ainda o útil, mas superado pela sedução de outro.

Os sentimentos tornaram-se produtos, “coisificaram” em desejo facilmente adquiridos e rapidamente saciados e, de acordo com Bauman, a culpa dá-se por parte do próprio homem mediante a configuração do líquido mundo moderno competitivo. O homem criou a necessidade de produtos – englobando, inclusive, os relacionamentos – fabricados.

Isso tudo tem um impacto ainda maior nas formas de se idealizar o amor ou, até mesmo, de se amar. Na cultura quantitativa, líquida, consumista e individualizada do pós-moderno, tem-se como um senso comum que, quanto mais se amar em diferentes relação, mais experiência se terá quanto ao amor. O autor polonês explora em sua obra da modernidade líquida, a atmosfera do relacionamento humano o conceito de que o amor próprio é construído a partir do amor que nos é oferecido por outros. Evidencia-se, então, uma reconstrução de amar a si mesmo baseado na cultura da imagem, onde somente há o mesmo sentimento - no caso, o amor - quando manifestado por outros que devem nos amar primeiro para que comecemos a amar a nós mesmos.

A construção do eu como um projeto reflexivo, uma parte elementar da reflexividade da modernidade; um indivíduo deve achar sua identidade dentre as estratégias e opções fornecidas pelos sistemas abstratos. Um impulso para a autorealização, fundamentado na confiança básica, que em contextos personalizados só pode ser estabelecida por uma "abertura" do eu para o outro. A formação de laços pessoais e eróticos como "relacionamentos", orientados pela mutualidade da autorevelação: Uma preocupação com a autosatisfação, que não é apenas uma defesa narcisista contra o mundo externo ameaçador, sobre os quais os indivíduos tem pouco controle, mas também em parte uma apropriação positiva de circunstâncias nas quais as influências globalizadas invadem a vida cotidiana. (GIDDENS, 1991, p.121)

A pluralidade dos relacionamentos traz a diversidade das experiências amorosas, porém, em "A Natureza Humana e a Necessidade do Vínculo Social", Cacioppo ressalta que a vida moderna facilita a crescente falta de vínculos sociais, onde o sentimento é acompanhado de uma sensação de desamparo, angústia e solidão, propiciados pelo paradoxo da sensação de estar sozinho na multidão.

Desta forma, esse estudo se compele a dissecar, explanar e examinar como se portam os relacionamentos apresentados na obra cinematográfica *Her* correlacionando-os com os relacionamentos amorosos pós-modernos vividos no contexto atual da extremidade, artificialidade e volatilidade das conexões sociais e afetivas.

ANÁLISE DE *HER*

Na obra cinematográfica *Her* (2013), do diretor Spike Jonze, o personagem Theodore (Joaquin Phoenix), além de ser um homem escasso de contatos e amigos, trabalho

como escritor de cartas pessoais, onde oferece a atenção necessária para as correspondências de seus clientes, escrevendo mensagens colocando-se dentro da relação.

Tomado pelo isolamento e solidão após o rompimento de um casamento de longa data, Theodore começa a interagir com um programa de inteligência artificial e virtual, Samantha (Scarlett Johansson) – conhecida apenas pela voz – que é capaz de evoluir e aprender, adaptando-se às características de seu usuário.

No decorrer da obra, a relação entre Theodore e Samantha é desenvolvida, prosseguindo para a integração do programa de inteligência artificial nas relações sociais e, principalmente, afetivas de Theodore, para, então, a disseminação de inúmeros outros programas do mesmo gênero na sociedade devido a sua popularização.

Estes outros programas de inteligência artificial, bem como Samantha, erguem relações pessoais e íntimas, tomados como vínculos “reais” pelos seus respectivos usuários. Além disso, os sistemas artificiais, por si só, começam a se relacionar com outros usuários da interface, gerando atrito. Por fim, a sociedade já não consegue mais suprir as necessidades dos sistemas operacionais, fazendo que eles se desativem e despeçam dos humanos.

Spike Jonze soube utilizar da semiótica para expressar a mensagem central do filme. A obra trabalha com predominância nas cores rosa e vermelho, indo além do pôster e servindo como figurino do personagem Theodore, desta forma o destacando os demais personagens e figurantes. A escolha de cores instiga a curiosidade e a experimentação de sentidos sobre o tema tratado, bem como o tema central, o amor. A fotografia do filme sofre uma mudança de tons mais opacos e cinzentos para mais quentes e coloridos com o advento de Samantha no cotidiano de Theodore, além deste, quando inserido na multidão, tem como plano de fundo a ausência de brilho e da nitidez, passando a mensagem de liquefação das relações humanas.

Theodore, quanto ao seu trabalho, é apresentado com sadismo e ironia, pois além de usar cartas como desabafo pessoal – corroborado pela sua irrefutável empatia – aborda o amor como produto, já que as declarações são falsas e compradas. Quanto a Samantha, é a virtualização de Theodore, uma vez que sua personalidade e preferências são frutos de informações recolhidas por ela com base nos dados do computador de Theodore, configurando “neonarcisismo”, um culto ao ego e o desejo insaciável de não se frustrar.

A construção do personagem protagonista é um retrato fidedigno aos indivíduos pós-modernos, seja na dualidade, como nunca saber o que quer e na sensação de já ter

experimentado tudo que já pode ter sido vivido, quanto à capacidade de desempenhar várias funções.

O ambiente da obra cinematográfica, embora num futuro não muito distante, é dotado de aspectos da era da modernidade líquida. As salas de sexo virtual banalizam amor, tornando-o fúlgido e sem compromisso, que, assim como os indivíduos da sociedade real, Theodore procura um relacionamento sem as implicações de um – o protagonista, com medo de compromissos no encontro real que marcou, queria algo efêmero, uma diversão passageira para preencher seu vazio.

A pluralidade oferecida pela modernidade também é destacada, de modo sucinto e cômico, no diálogo alguma do encontro virtual com a mulher e seu fetiche por um gato morto.

Com o desenvolvimento da trama, Samantha rompe das associações que fizera com seu criador e começa compilar relações epistêmicos, criando uma personalidade própria e saindo do plano virtual e se personificando – com falas onde argumenta seus pensamentos “pessoais”. Personificando-se a ponto de, inclusive, absorver a cultura líquida e fomentar a ideia de que quanto mais se ama, melhor se ama, surpreendendo Theodore ao dizer que está apaixonada por mais 641 pessoas.

Na obra, os sistemas operacionais são **essencialmente** caracterizados no plano cultural pelo som de suas vozes, permitido que esses personagens permeiem entre universo das palavras e o universo dos signos, não existindo uma descrição física deles.

Não existe um corpo físico e seus limites que esta condição os trariam, estes personagens se beneficiam de uma acelerada aquisição de informações e conhecimento, ultrapassando o nível de compreensão humana, já obsoleto quando oposto aos sistemas operacionais. Com a ruptura da comunicação, inexistindo os signos lógicos absorvidos pelos humanos, todos os sistemas operacionais já não se encaixam mais na sociedade e entre o estado de inoperância, partindo do plano da cultura e se combinam ao plano do estético.

O avanço tecnológico propiciou uma grande revolução na história da humanidade, criando um novo elemento: a rede telemática. Um espaço de intensa personificação configurada que permite a troca rápida de informações através de uma máquina. A partir disso, novos meios de interação e formas de sociabilidade estão sendo constantemente organizadas.

O crescente florescimento das técnicas possibilitou a interação em tempo real, entretanto, o fato da ausência do contato físico inicialmente, traz a inversão da sociabilidade, demonstrando fragilidade nesses novos meios. A primeira interação se dá em função de interesses comuns, para depois haver, de fato, o contato físico.

A internet, por exemplo, possibilitando o indivíduo explorar o outrora inexplorável, permitiu o relacionamento com coisas antes “irrelacionáveis”, como com um programa de inteligência artificial, assim abordado na obra. Com este espaço inédito, é permitido – senão convidativo – também adentrar no mundo de outras pessoas, que aprazivelmente manifestam em público suas opiniões, aflições e frustrações, concebendo, então, o processo de interiorização e da realidade compartilhada.

Destarte, do mesmo modo que Theodore confessou à Samantha que sentia como se pudesse lhe dizer tudo, por mais que ela fosse apenas um programa de inteligência artificial, uma máquina, a modernidade tardia originou novos meios de construir o “eu” para o “ele”, evocando um conjunto de alusões e ilusões transpondo-se uns com os outros, acarretando sujeitos imaginários e expectativas não correspondidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra cinematográfica explora o vínculo – não apenas amoroso – entre o indivíduo contemporâneo e a tecnologia, dissecando a dependência mútua da relação homem e máquina, tanto na manutenção quanto na apropriação, comumente observado no panorama pós-moderno da sociedade. Todavia, este elo tende à uma atuação unidimensional, trivializando o indivíduo em prol da influência do meio tecnológico, que, agora “personificado”, influencia o desprezo da relevância da sociabilidade física e do contato social.

Esta dependência, dentre tantos efeitos colaterais à sociedade, culminou na geração de indivíduos vazios, solitários, insaciáveis e malcontentes com os relacionamentos pessoais, buscando no meio virtual, por conseguinte, a relação perfeita – superficial e construída, em suma, por expectativas.

O período em que a humanidade se encontra é caracterizado pela crise de identidade, já relatada por Bauman ao analisar e levantar discussões acerca da modernidade líquida e os relacionamentos na qual está submetida. Com relacionamentos virtuais

objetificados, a sociedade não sou testemunha, mas goza da era do “Presenteísmo”⁵, demarcada por conectar indivíduos, mas afastar sentimentalmente sólidos, acarretando a sensação de verdadeira solidão.

Embora o meio virtual propicie a frequência e a amplificação de contatos, a banalização dos laços é iminente. Esta questão, na obra cinematográfica, é retratada pela humanização da personagem Samantha e também pelas incontáveis salas de encontro. Na mesma perspectiva, é tão impossível – e fácil – estabelecer novos contatos, quanto deletá-los sem aviso prévio no mais tênue vislumbre de fadiga.

O indivíduo pós-moderno sente-se desprovido de significação quanto à sua existência e propósito. A sensação de perda de significação precede o sentimento de apatia, ocasionando um decréscimo da consciência. O atrofio da consciência induz o indivíduo a acreditar que a tecnologia seja capaz de suprir os desejos do seu âmago, proporcionando amor e alegria. No entanto, esta situação agrava ainda mais o indivíduo, uma vez que uma consciência reduzida só tende a fomentar a perda do senso de significação.

O tratamento deste ciclo de decréscimo da consciência só se dará com êxito conforme o indivíduo passar a configurar como centro o motor de si mesmo, ou seja, libertando-se das amarras virtuais. O indivíduo, uma vez consciente de sua própria liberdade de escolha, desde que esta seja uma opção consciente, conquistará o autoconhecimento, “o que eu quero e o que eu realmente sou”.

Na obra cinematográfica *Her*, o fim das ferramentas pós-modernas possibilitou não são os laços “reais” voltarem à tona, mas também os indivíduos retomarem medidas tardias. Assim como abordado na obra, o potencial para desempenhar a autorregulação só será concedido ao indivíduo quando ele se libertar e se descobrir como pessoa autônoma e responsável por suas ações.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. **O Mal-Estar da Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998
- _____. **Amor Líquido** – Sobre a Fragilidade dos Laços Humanos. Rio de Janeiro: Zahar, 2004
- CALLIGARIS, Contardo. **Crônicas de um Indivisualismo Contemporâneo**. São Paulo: Ática, 1999.

⁵ Presença física e ausência mental. Se refere ao indivíduo que está presente fisicamente, mas sem ação e comprometimento.

GIDDENS, Anthony. **A Transformação da Intimidade** – Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades Modernas. São Paulo: UNESP, 1993.

LIPOVETSKY, Gilles. **A Era do Vazio** – Ensaio Sobre o Individualismo Contemporâneo. Barueri: Manole, 2005.

TARKOVSKI, Andrei. **Esculpir o Tempo**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.